

Paulo Faitanin

INTRODUÇÃO AO TOMISMO

**Tomás, o Tomismo & os Tomistas:
uma breve apresentação.**



CADERNOS DA AQUINATE

PAULO FAITANIN

INTRODUÇÃO AO TOMISMO
Tomás, o Tomismo & os Tomistas:
uma breve apresentação.

1ª. Edição

CADERNOS DA AQUINATE
11

NITERÓI, 2011

É proibida a reprodução total ou parcial da presente obra, sem a licença expressa do autor, de acordo com a Lei 9.610 de 19/02/1998

CADERNOS DAAQUINATE

11

Diretor: Daniel Nunes Pêcego.
Secretário: Flávio Lemos Alencar.

ISSN: 1982-8845

Ficha catalográfica

PAULO FAITANIN, *Introdução ao Tomismo: Tomás, o Tomismo & os Tomistas: uma breve apresentação*. Cadernos da Aquinate, n. 11, Niterói: Instituto Aquinate, 2011.

Niterói, RJ, Janeiro de 2011.
28 páginas.

1. Santo Tomás. 2. Tomismo. 3. Tomistas. 4. História. 5. Filosofia.

Capa: Santo Tomás de Aquino
detalhe da crucificação por Fra Angélico
Óleo séc. XV

Redação, administração e pedido de exemplares



[wood engraving by Reynolds Stone, in *Saint Thomas Aquinas, Selected writings*, New York: The Heritage Press, 1971, p. 1]

CADERNOS DAAQUINATE
www.aquinate.net
e-mail: cadernos@aquinate.net



Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica:

Coopergraf-K - Cooperativa de Profissionais Gráficos e Editora Ltda.

Tel.: (21) 2705-0634 / 2714-5712 - E-mail: graficamariano@gmail.com / grafica_mariano@yahoo.com.br

FONTES

- ARRUDA CAMPOS, F. *Tomismo Hoje*. São Paulo: Edições Loyola, 1989;
- BERGER, D. *Thomismus*. Köln: Editiones Thomisticae, 2001;
- BONINO, S.-Th. *Saint Thomas au XXe siècle*. Paris: Saint Paul, 1994;
- CESSARIO, R. *A short history of Thomism*. Washington, D.C: *The Catholic University of America Press*, 2005;
- CHENU, M.D. *Introduction à l'étude de Saint Thomas d'Aquin*. Paris: Vrin, 1993;
- COPLESTON, F. *Thomas Aquinas*. London: Harper & Row Publishers, 1976;
- CORREIA DE BARROS, M. *Filosofia Tomista*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1966;
- DAVIES, B. *The Thought of Thomas Aquinas*. New York: Oxford University Press, 1993;
- ELDERS, L. *Santo Tomás de Aquino hoy y otros estudios*. Buenos Aires: Sociedad Tomista Argentina, 1989;
- FABRO, C. *Introduzione a san Tommaso. La metafisica tomista & il pensiero moderno*. Milano: Edizioni Ares, 1997;
- FORMENT, E. *La Filosofia de Santo Tomás de Aquino*. Valencia: Edicep, 2003;
- FRANCISCI SYLVII, *Apologetica pro S. Thomae Aquinate*, [Appendicis loco subsequentes Bullas et Epistolas], in *Operum*. Antuerpiae: Apud Viduam & Filium Ionnis Baptista Verdussen, sub signo duarum Ciconiarum, 1698.
- GARDEIL, H.D. *Iniciação à Filosofia de Santo Tomás de Aquino*. Tradução de Wanda Figueiredo. São Paulo: Duas Cidades, 1967;
- GARRIGOU-LAGRANGE, R. *La Synthèse Thomiste*. Paris: Desclée de Brouwer, 1950;
- GILSON, E. *Le Thomisme*. Paris: Vrin, 1989;
- HUGON, E. *Os princípios da filosofia de São Tomás de Aquino: as 24 teses fundamentais*. Porto Alegre: Edipucrs, 1998;
- HUGONIS, R. "Historia Translationis Corporis Sancti Thomae", in: *Monumenta Conventus Tolosani*. Tolosae: Apud Joannem & Guillelmum Pech, 1693.
- MARITAIN, J. *El Doctor Angélico*. Buenos Aires: Desclée de Brouwer, 1942;
- MARTIN, C. *The Philosophy of Thomas Aquinas. Introductory readings*. New York: Routledge, 1988;
- MONDIN, B. *Il Sistema Filosofico di Tommaso d'Aquino*. Milano: Massimo, 1992;
- PÈGUES, TH. *Initiation Thomiste*. Paris: Pierre Téqui, 1925;
- PIEPER, J. *Introducción a Tomás de Aquino*. Doce lecciones. *Edición por Ramón Cercos*. Madrid: Rialp, 2005;
- PROUVOST, G. *Thomas d'Aquin et les thomismes*. Paris: Cerf, 1996;
- SERTILLANGES, R.P. *Santo Tomás de Aquino*. Buenos Aires: Desclée de Brouwer, 1946;
- SPIAZZI, R. *Il Pensiero di San Tommaso d'Aquino*. Bologna: Esd, 1997;
- STEENBERGHEN, F. VAN, *O Tomismo*. Lisboa: Gradita, 1983;
- TOCCO, G. *L'histoire de saint Thomas d'Aquin. Traduction par Claire Le Brun-Gouanvic*. Paris: Cerf, 2005;
- TORRELL, J.-P. *Iniciação a Santo Tomás de Aquino*. Tradução Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 1999;
- VERNEAUX, R. *Cours de Philosophie Thomiste*. Paris: Beauchesne, 1964.

Índice

INTRODUÇÃO.	9
CAPÍTULO 1	
TOMÁS DE AQUINO.	
§1. VIDA: DO NASCIMENTO AO SACERDÓCIO.	11
§2. OBRA: DAS PRIMEIRAS OBRAS AOS ÚLTIMOS DIAS DE VIDA.	12
§3. AUTORIDADE: DA CANONIZAÇÃO ÀS CATEQUESES DE BENTO XVI.	13
§4. FUTURO: O TOMISMO MIDIÁTICO DO SÉCULO XXI.	15
CAPÍTULO 2	
O TOMISMO	
§1. DEFINIÇÃO: O QUE É TOMISMO?	18
§2. PROPOSTA: CONCILIAR FÉ E RAZÃO.	20
§3. NATUREZA: UMA FILOSOFIA CRISTÃ.	21
§4. FINALIDADE: A FILOSOFIA É SERVA DA TEOLOGIA.	22
CAPÍTULO 3	
Os TOMISTAS	
§1. O INÍCIO: A ESCOLA TOMISTA.	24
§2. O DESENVOLVIMENTO: AS QUATRO ETAPAS.	25
§3. UM EQUÍVOCO: NEOTOMISTA.	27
§4. CONCLUSÃO: O SILÊNCIO DOS NÃO TÃO INOCENTES.	28

INTRODUÇÃO.

1. Este caderno tem por título *Introdução ao Tomismo* e por subtítulo *Tomás, o Tomismo & os Tomistas*. Divide-se em três breves capítulos que serão enriquecidos com referências secundárias. O primeiro capítulo brevemente expõe a vida de Tomás. O segundo capítulo apresenta a influência que Tomás recebeu e o método que desenvolveu para conciliar fé e razão, sem cometer contradição, mas promovendo uma autêntica filosofia não contrária à fé cristã. O terceiro capítulo trata dos seus discípulos, propondo uma divisão da escola tomista em quatro períodos, destacando os seus principais expoentes.

2. *Não há Tomistas sem o Tomismo e nem Tomismo sem Tomás*. Por isso, o primeiro e mais importante é entender o essencial da vida de Tomás, a sua intenção filosófica e teológica, suas análises doutrinárias e, por fim, suas conclusões. Há em sua pessoa uma intrínseca coerência entre *ser, pensar e agir*, adequadamente representada em sua obra e pensamento. Deste modo, compreendidas sua pessoa e obra, não só encontraremos Tomás no Tomismo, mas, também, o Tomismo em Tomás. Todavia se só tomarmos o Tomismo dos Tomistas como o pensamento de Tomás, reduziríamos o Tomismo de Tomás.

3. Assim reduzido, não raro corre-se o risco de os Tomistas afastarem-se do próprio pensamento de Tomás e gerarem inúmeras controvérsias e preconceitos não só contra a pessoa de Tomás, mas, sobretudo, contra o seu pensamento. Porém, *Tomás ainda é o seu melhor intérprete*. Por isso, o melhor é ir diretamente a Tomás. A intenção deste caderno é principalmente despertar esta consciência. Quem acorda para isso descobre que vale mais a pena ler uma única obra inteira de Tomás e tomar alguma consciência do sentido da vida, do que ler muitas obras, por toda vida, e não entender o sentido da sua própria existência.

4. Complementam a leitura deste caderno os documentos pontifícios que nos ajudam a entender sua vida, o seu pensamento, a sua influência, sabedoria e santidade. Para aprofundar na filosofia tomista a leitura da *Suma Contra os Gentios* é fundamental. Obra clássica e plena de argumentos filosóficos, com uma linguagem simples e acessível. Sem dúvida, a *Suma Teológica* é importante, mas, exige, ainda que minimamente, uma dedicação maior. Este breve estudo não pretende ser uma introdução específica à filosofia de Santo Tomás, mas ao Tomismo em geral. Sou grato ao diretor dos *Cadernos da Aquinate*, Daniel N. Pêcego, pelas correções e sugestões.

28 de janeiro de 2011
Memória de Santo Tomás de Aquino

CAPÍTULO 1

TOMÁS.

TOMÁS DE AQUINO.

§1. VIDA: *do nascimento ao sacerdócio.*

5. Tomás nasceu em 1225, no Castelo de Roccasecca, Condado de Aquino, no Reino da Sicília, filho de Landolfo e Teodora, de família nobre da Lombardia. Em 1230, com 5 anos de idade, os pais enviaram-no ao ilustre Mosteiro beneditino de Montecassino, onde recebeu as primeiras instruções para ler, escrever e ser iniciado na vida monástica. Repentina conturbação política e religiosa no referido mosteiro fez com que o Abade recomendasse ao seu pai que o enviasse, aos 14 anos de idade, na primavera de 1239, para estudar artes e filosofia no *Studium Generale* de Nápoles. Provavelmente viveu no Mosteiro de São Demétrio. Foi em Nápoles que conheceu a Ordem dos Pregadores, fundada por São Domingos de Gusmão. Este contato foi aos poucos amadurecendo sua vocação e aproximando-o da vida dominicana. Tanto foi que em abril de 1244, recebeu o hábito dominicano. Conscientes de que os pais de Tomás não o aceitariam dominicano, porque desejavam que ele algum dia fosse Abade de Montecassino, os frades levaram-no de Nápoles a Roma e de Roma a Bolonha. Teodora, sua mãe, quando soube do fato, empreendeu com seus outros filhos a captura do jovem frei Tomás, o que ocorreu na primeira quinzena de maio de 1244.

6. De nada adiantou a queixa dos dominicanos ante as autoridades religiosas e civis. Então, o jovem dominicano, foi levado por seus irmãos e detido na Torre do Castelo de Rocassecca. Lá ficou de maio ou junho de 1244 até julho de 1245. Tomás tinha 19 anos de idade e, enquanto esteve detido, dedicou todo o seu tempo¹ a *orar, ler a Bíblia, estudar* o Livro das *Sentenças* e, muito provavelmente, o que se conhecia da lógica de Aristóteles². Sem dúvida, deve-se a este período o estabelecimento do seu *plano de vida espiritual e de estudos*, que lhe valeu por toda a sua vida. Com a oração fortaleceu a fé, semeando uma profunda vida interior de *afinidade com a graça*³. Com o estudo fortaleceu a razão, cultivando uma *ordenada e natural via de investigação da verdade*. A oração culminava no estudo e o estudo na oração. A investigação racional não o dispersava da afinidade conseguida na oração que, de certo modo, era continuada na leitura da Sagrada Escritura e no aprendizado da filosofia.

7. Sua família, diante da convicção de Tomás, não sem antes o ter posto à prova⁴, permitiu que os frades dominicanos o recondussem a Nápoles, provavelmente, na segunda quinzena de julho de 1245. De Nápoles Tomás foi enviado para Roma, pois os frades

¹ GRABMANN, M. *Mittelalterliches Geistesleben*. Munique: Max Hueber Verlag, 1926, p. 261.

² TORRELL, J.-P. *Iniciação a Santo Tomás de Aquino. Sua pessoa e obra*. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 1999, pp. 12-13.

³ Tomás exalta mais a retidão interior do que atos de ascetes exteriores: *Contra Impug.* I, 1.

⁴ Refiro-me ao episódio da introdução de uma jovem no local onde se encontrava recluso para tentá-lo e dissuadi-lo da sua vocação.

temiam que novamente fosse capturado e detido. Em Roma, o Mestre da Ordem, João, o Teutônico, naquele mesmo ano o enviou à Paris para completar a formação filosófica e iniciar a teológica. Permaneceu em Paris do outono de 1245 até a primavera de 1248, completando os seus estudos filosóficos na Faculdade de Artes de Paris e iniciando os seus estudos teológicos no convento de Saint-Jacques, sob a tutoria de Alberto Magno. Em 29 de junho de 1248, em razão da criação do *Studium Generale* em Colônia, Alberto Magno partiu para lá e levou consigo o seu discípulo Tomás, que por lá permaneceu até 1252. Foi deste período o apelido ‘boi mudo da Sicília’, não só em razão do seu caráter taciturno, mas também por causa da sua corpulência. Foi ordenado sacerdote neste período em que esteve em Colônia.

§2. OBRA: *das primeiras obras aos últimos dias de vida.*

8. João, o Teutônico, no início de 1252, pediu a Alberto para indicar-lhe um teólogo que pudesse ser nomeado bacharel para ensinar em Paris. Alberto indicou Tomás que, com apenas 27 anos, não poderia exercer este cargo, pois a idade canônica para assumir este ofício era a de 29 anos. Concedida esta permissão, Tomás começou a ensinar, como bacharel, as *Sentenças* de Pedro Lombardo em setembro de 1252. De 1252 a 1256, Tomás não só lecionou, mas também se preparou para se tornar Mestre em Sagrada Escritura, comentando os referidos livros das *Sentenças*. São também deste período os dois opúsculos: *De ente et essentia* e *De principiis naturae*. Em 3 de março de 1256 o Papa Alexandre IV louva Aimerico, chanceler da Universidade de Paris, por conceder a Tomás a licença para ensinar como mestre⁵. Em abril ou maio de 1256, ele obteve o grau de ‘Mestre em Teologia’. Este título culminava com a apresentação de uma aula inaugural que ocorreu entre 3 de março e 17 de junho de 1256. Durante os três anos seguintes ele compôs as suas *Quaestiones disputatae de veritate* e comentou o *De Trinitate* de Boécio. Durante este período teria produzido muitos outros opúsculos. Contudo, a tensão causada nesta época por uma polêmica relacionada à sua ordem⁶ antecipou, talvez, seu retorno para a Itália, no final de 1259, indo para Nápoles e lá permanecendo até setembro de 1261.

9. Neste período defendeu a vida religiosa e escreveu o opúsculo *Contra impugnantes Dei* e a importante obra *Summa Contra Gentiles*. Em 1260 Tomás foi nomeado Pregador Geral da Província romana de sua ordem. Em 1261, Urbano IV, foi eleito Papa e reuniu no seu pontificado, em Orvieto, um seleto grupo de homens da ciência. Como Tomás encontrava-se em Orvieto, a partir de 1261, provavelmente permaneceu ali, por esta razão, até 1265. Dentre as diversas contribuições desta época, Tomás colaborou para assentar as bases intelectuais de uma reintegração das comunidades cismáticas orientais à Igreja de Roma, conseguida parcialmente alguns anos mais tarde. Sua *Catena aurea* foi composta por expresso desejo do Papa em Orvieto e estabeleceu um marco na progressiva assimilação da Patrística grega pela teologia latina. Também, por encargo de Urbano IV, que instituiu a

⁵ DENIFLE, H. O.P. *Chartularium Universitatis Parisiensis*. Tomus I. Paris: Ex typis Fratrum Delalain, 1889, p. 307.

⁶ A questão da fundamentação evangélica e da licitude de os frades viverem da mendicância.

solenidade do *Corpus Christi*, o Aquinate redigiu o seu ofício litúrgico. Sua notória fama de sábio fez com que começasse a receber inúmeras consultas de toda Europa sobre diversos assuntos. Depois da morte de Urbano IV, no final de 1264, Tomás foi encarregado de, no ano seguinte, fundar um *studium* dominicano em Roma. É deste período o testemunho que diz que Tomás era assíduo no estudo, na oração, celebrava e assistia diariamente duas missas e, não raro, encontravam-no em lágrimas, após intenso ato de contemplação⁷. Crescia igualmente a sua fama de santidade.

10. De 1265 a 1268 esteve em Roma, como Mestre Regente no convento de Santa Sabina. Neste período iniciou a sua grande obra *Summa Theologiae*. Além desta importante obra, ainda escreveu neste período as seguintes: *De potentia Dei*, *Compendium Theologiae*, *De regno* e o *Sententia libri De anima*. De 1267 a 1268 permanece em Viterbo. Retornou à Paris no outono de 1268 e lá permaneceu até 1272, onde lecionou e se defendeu de confrontos doutrinários e das agitações dos professores seculares, com a publicação dos opúsculos *De aeternitate mundi* e o *De unitate intellectus*. São deste período as obras *Lectura super Ioannem*, *De malo* e os *Quodlibetales*. Tomás respondeu a uma série de consultas e produziu algumas pequenas obras: *De mixtione elementorum*, *De motu cordis*, *De operationibus occultis naturae*, *De iudiciis astrorum*, *De sortibus*, *De secreto*, *De substantiis separatis* e o *Super de Causis*. São deste período os comentários das principais obras de Aristóteles traduzidas do grego para o latim por Guilherme de Moerbeke. De 1272 a 1273 esteve em Nápoles, onde lecionou sobre as epístolas paulinas, promoveu cursos sobre os salmos e deu continuidade à III parte da *Summa Theologiae*, escrevendo sobre a vida de Jesus, não tendo finalizado esta obra. Também redigiu outros textos não menos importantes.

§3. AUTORIDADE: da canonização às catequeses de Bento XVI.

11. Vinte anos de intenso trabalho diário, com boa parte da noite dedicada à oração, davam mostras de tê-lo cansado. Em 29 de setembro de 1273 participou do capítulo de sua Província em Roma e, alguns meses depois, quando celebrava a missa na Capela de São Nicolau, no dia 6 de Dezembro de 1273, teve uma intensa experiência mística que lhe valeu uma profunda e impressionante transformação, seguida de um acentuado declínio da sua saúde, cujos acontecimentos logo o levaram a deixar de escrever. Perguntado por seu secretário e amigo Reginaldo de Piperno por que abandonara a sua obra, o Aquinate simplesmente respondeu: “Não posso mais, pois em comparação com o que me foi revelado, tudo o que escrevi parece-me palha”. A partir de então se guardou num profundo silêncio contemplativo. Em fins de dezembro de 1273 ou início de janeiro de 1274, retornou a Nápoles e se pôs a caminho do II Concílio de Lião, convocado por Gregório X, para 1º de Maio de 1274. Durante o trajeto sofreu um acidente e caiu enfermo novamente. Por volta de 14 de fevereiro de 1274 piorou o seu estado de saúde. Tentou seguir viagem, mas não conseguiu e deteve-se no Mosteiro de Fossanova. Em 5 de Março recebeu a comunhão e

⁷ TORRELL, J.-P. *Iniciação a Santo Tomás de Aquino*. Trad. L.P. Rouanet. São Paulo: Loyola, 1999, pp. 60 e 331.

no dia 6 a unção dos enfermos. Faleceu no dia 7 de Março de 1274, nas primeiras horas da manhã. Estava com 49 anos de idade⁸.

12. No dia 7 de Março de 1277, três anos depois de sua morte, o avanço do averroísmo⁹ na Faculdade de Artes de Paris fez com que 219 teses fossem condenadas pelo Bispo Estevão Tempier, dentre as quais se encontravam algumas, equivocadamente, atribuídas a Tomás, em cuja defesa saíram Egídio Romano e Alberto Magno. Passado este turbulento período inicial, quase cinquenta anos depois de sua morte, deu-se lugar ao processo de reconhecimento de sua sabedoria e santidade com a sua canonização. Foi o Papa João XXII que o canonizou em Avinhão, proclamando-o santo com a bula *Redemptionem misit*, de 18 de Julho de 1323. Até então, o corpo de Santo Tomás permanecera no Mosteiro de Fossanova, onde havia sido sepultado no dia 7 de março de 1274. Apesar dos insistentes pedidos dos superiores da sua ordem e das diversas cartas do Papa Urbano V, datadas desde 1368, que ordenava que o corpo fosse trasladado de Fossanova para Toulouse, o mesmo efetivamente só ocorreu no dia 28 de janeiro de 1369¹⁰.

13. Por isso, o Papa Urbano V, que havia ordenado o traslado com outras bulas, exortava com a bula *Laudabilis Deus*, de 18 de julho de 1370, com o cumprimento do traslado, que os frades dominicanos de Toulouse louvassem a Deus em agradecimento e guardassem com honra e dignidade as relíquias de Santo Tomás¹¹. Coube a São Pio V proclamá-lo ‘Doutor da Igreja’, com a bula *Mirabilis Deus*, de 11 de abril de 1567. O Papa Leão XIII evocou e instituiu o estudo da Filosofia de Santo Tomás com a Encíclica *Aeterni Patris*, de 4 de agosto de 1879. O mesmo Pontífice, exatamente um ano depois, declarou Santo Tomás Patrono dos estudos, das escolas e de todos os estudantes com a Carta Apostólica breve, *Cum hoc sit*, de 04 de agosto de 1880. Dando prosseguimento ao reconhecimento da sua sabedoria e santidade, São Pio X com o *Motu proprio Doctoris Angelici*, de 29 de junho de 1914, ordenou que a doutrina do Doutor Angélico fosse efetivamente ensinada. O Papa Pio XI, anos mais tarde, o proclamou Guia dos estudantes, com a Encíclica *Studiorum ducem*, de 29 de junho de 1923, por ocasião do VI centenário da sua canonização.

14. O Papa Paulo VI, já na segunda metade do século XX, o declarou ‘Luz da Igreja’, com a Carta Apostólica *Lumen Ecclesiae*, de 20 de novembro de 1974, por ocasião do VII centenário da morte de Santo Tomás. O Papa João Paulo II evocou Santo Tomás de Aquino como modelo para a conciliação de fé e razão para o novo milênio, com a Encíclica *Fides et Ratio*, de 14 de setembro de 1998. Sua doutrina, por ser amplamente voltada para a dignidade humana, em todas as suas dimensões, justificou o Papa João Paulo II lhe atribuir o título de ‘*Doctor Humanitatis*’¹². Nesta perspectiva, sua doutrina é ‘Luz da

⁸ Para a biografia cfr. TORRELL, J.-P. *Iniciação a Santo Tomás de Aquino* – Sua Pessoa e obra. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

⁹ Por *averroísmo* se entende a doutrina de Averróis ou a dos seus intérpretes, cujas questões filosóficas centrais tornavam inconciliáveis fé e razão.

¹⁰ HUGONIS, R. “Historia Translationis Corporis Sancti Thomae”, in: *Monumenta Conventus Tolosani*. Toulouse. Apud Joannem & Guillelmum Pech, 1693, f. 218B.

¹¹ FRANCISCI SYLVII, *Apologetica pro S. Thomae Aquinate*, [Appendicis loco subsequentes Bullas et Epistolas], in *Operum*. Antuéria. Apud Viduam & Filium Ionnis Baptista Verdussen, sub signo duarum Ciconiarum, 1698, ff 134B-135A.

¹² JOÃO PAULO II. Carta Apostólica *Inter Munera Academicarum*, n. 4.

Igreja', porque aproximou Deus, o homem e a ciência. Sabiamente o *Magistério da Igreja* no Concílio Vaticano II reconheceu-lhe como caminho seguro para os que almejam alcançar a verdade¹³. O *Código de Direito Canônico* de 1983, no cânon 252, §3, estabelece que se tenha por guia Santo Tomás nos estudos de teologia dogmática. O *Catecismo da Igreja Católica* de 1997 cita mais de 62 vezes Santo Tomás em questões morais e dogmáticas, especialmente em Cristologia. Mais recentemente, o Papa Bento XVI dedicou-lhe três *Catequeses* durante audiências gerais, nos dias 2, 16 e 23 de junho de 2010, onde ratificou a perenidade da sua doutrina. As universidades, academias e instituições do mundo inteiro o reconhecem por sua autoridade filosófica e teológica e reverenciam a sua santidade. Sua memória litúrgica, originalmente celebrada no dia 7 de março, passou a sê-lo, a partir da segunda metade do século XX, no dia 28 de janeiro, a fim de não coincidir com o período da quaresma. Escolheu-se este data por causa do traslado de suas relíquias para Toulouse ocorrido em 1368.

§4. FUTURO: o Tomismo midiático do século XXI.

15. O século XXI é o das diversas formas de comunicação midiáticas. O grande esforço é tornar a imensa obra de Tomás de Aquino acessível, por meio destes instrumentos, a grande número de pesquisadores¹⁴. Mas, o grande desafio não é só torná-lo conhecido, pois isso ele já o é, ao menos de nome, no meio cultural, intelectual, acadêmico. A tarefa é dar a conhecer, de fato, as suas valiosas ideias presentes em suas inúmeras obras, cheias de pensamentos sempre atuais e aptos a serem recebidos em diversos setores do saber humano. Torná-las conhecidas, de uma maneira íntegra e, em diversos idiomas e setores da cultura, dando a conhecer a muitas pessoas que ainda desconhecem sua grande contribuição para toda a humanidade¹⁵.

16. Por isso, não sem razão recebeu o título de seus pares pesquisadores do mundo inteiro, reconhecido e corroborado pelo Papa João Paulo II, de *Doctor Humanitatis*. De fato, uma correta proclamação dos Direitos Humanos contém na sua base muitas de suas contribuições dadas em forma de sínteses tomadas de suas diversas teses, amplamente desenvolvidas e esclarecidas em sua vasta obra. Dar a conhecer o seu pensamento não é só revelar esta riqueza, mas, sem dúvida, fazer saber que Tomás de Aquino é o maior pensador de todos os tempos. Para tanto, consiste uma atividade eficaz e de grande valia neste terceiro milênio – cuja primeira década já se passou –, dar continuidade, cada vez mais, à divulgação do seu pensamento, sobretudo, mediante as traduções de suas obras

¹³ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto *Optatum totius*, n. 16 e a Declaração *Gravissimum educationis*, n. 10.

¹⁴ Enrique Alarcón muito contribui para isso com a sua edição do *Corpus Thomisticum* disponível em sítio com acesso direto a toda obra tomista. Cfr. <http://www.corpusthomisticum.org/>.

¹⁵ Na primeira metade desta primeira década do terceiro milênio, eram contados com os dedos das mãos os *sites* e *blogs* dedicados exclusivamente a Tomás de Aquino. Desde a fundação da *aquinate.net*, em 2005, quando seus membros se dedicaram a esta pesquisa, já chegam quase a uma centena de mídias de informação que tratam direta ou indiretamente da vida, obra, pensamento e santidade de Tomás de Aquino.

e a produção de artigos científicos, em debate com as teses filosóficas, teológicas e científicas atuais, para serem publicados em revistas especializadas e com fácil acesso ao grande público científico e mesmo aos não especializados.

17. Constitui, efetivamente, um meio muito importante a edição de obras de divulgação, seja em forma impressa ou nas páginas de pesquisa, revistas, institutos e afins na *internet*, com obras científicas, tratados, manuais, obras de introdução, especialmente traduções. Infelizmente, até o momento, o mesmo não pode ser totalmente dito de outras formas de divulgação da mídia *on-line* de cunho mais pessoal, como *blogs, orkut, facebook etc.*, que são usados para a divulgação de ideias não necessariamente científicas, como novelas, contos, poemas, opiniões e polêmicas etc. Desafortunadamente, estes meios se tornam tão mais populares quanto mais geram mitos, fantasias, controvérsias, oposições e falsas doutrinas, polêmicas e criam opositores entre os ‘tomistas’ que se valham das mesmas ou de outras formas de informação midiática. Usados desta maneira estes meios facilmente promovem – por seu subjetivismo intrínseco – o afastamento do fundamento real e objetivo das verdadeiras doutrinas de Tomás de Aquino e prestam um desserviço a todos, porque levemente se valem do nome de Tomás, mas o deixam totalmente à margem e subordinado aos seus interesses pessoais, nem sempre cristãos e muito menos tomistas. Portanto, estas formas de divulgação da sua vida, pensamento, obra, sabedoria e santidade em *blogs, blogspot, orkut etc.* podem até ser muito bem vindas, desde que não se tornem rincões de mostras de competições e vaidade intelectual entre os seus autores e leitores, pois isso não serviria para dar a conhecer Tomás, senão para a continuidade da desvalorização do conhecimento do seu pensamento e do preconceito gerado contra a sua pessoa e obra por parte daqueles que ainda não o conhecem a não ser mediante estes sistemas de informação.

18. Infelizmente, salvo raríssimas exceções, estes meios servem muito mais para dar destaque às próprias opiniões e interpretações dos seus donos, muitas vezes embebecidas de uma cega paixão e desinformação, do que oferecer a própria doutrina do autor a quem propõem divulgar. Muitos destes instrumentos levam o nome de Tomás, de alguma obra sua ou de alguns dos seus títulos pessoais. Contudo, parecem máscaras que escondem suas verdadeiras faces e logo se revelam com o intuito de vender seus próprios pensamentos ou no que parecem acreditar ser uma autêntica interpretação do pensamento de Tomás. No fundo, valem-se do uso de um nome que tem respeito humano e acadêmico universal para fazer o que fazem e, não raro, vivendo uma profunda crise espiritual, moral, intelectual e existencial. Na verdade, julgam as suas ideias serem mais interessantes que as do próprio Tomás, como que revistas, atualizadas, esquecendo que as distorcem, pervertem ou negam. Mas nada mais perverso do que erroneamente usar o nome e a doutrina de Tomás para combater o Magistério da Igreja.

19. Estas atitudes irresponsáveis que dão mais destaque às ideias apaixonadas dos seus donos do que propriamente às doutrinas edificantes do autor, apesar de muito prejudicarem uma adequada e coerente divulgação do verdadeiro pensamento tomista, produzem, às vezes, um *efeito colateral* curioso para os mais perspicazes e inteligentes e, verdadeiramente, interessados no pensamento do Aquinate, a saber, suas falácias acabam por colaborar – obviamente por obra e graça da ação divina, que tudo faz concorrer para

o bem – para que ocorra o contrário: ao invés de fazer crescer ainda mais as oposições contra o Tomismo e o fortalecimento do preconceito, os tolos em suas insanidades acabam por ser reconhecidos como falsos discípulos do mestre Tomás pelos principiantes de boa-vontade no Tomismo de Tomás.

20. Os homens de reta intenção e dispostos a se dedicarem ao estudo profundo de Tomás não tardam a descobrir que aqueles ‘tomistas’ ensinam falsas doutrinas de Tomás ou as adaptam às suas próprias opiniões, a partir das suas análises apaixonadamente convincentes para os tolos, pois estas são, além do mais, apresentadas sob um falso ar ‘eclesiástico’, ‘dogmático’ e ‘infalível’ nos meios midiáticos que eles desenvolvem. Assim, os que amam o justo e o direito, mais espertos para as coisas do espírito e movidos pela graça, procuram de fato os instrumentos à disposição na mídia que verdadeiramente se dedicam com seriedade e compromisso a estudar e apresentar o homem, o religioso, o professor, o santo e o doutor da Igreja, Tomás de Aquino. E assim eles descobrem que devem ir a Tomás por fontes primárias e secundárias seguras e acabam por contribuir, com os seus acessos, perguntas, sugestões e propostas de estudos e traduções da obra do Aquinate, para a divulgação do verdadeiro Tomismo: *o Tomismo de Tomás*.

CAPÍTULO 2

O TOMISMO.

O TOMISMO.

§1. DEFINIÇÃO: *o que é Tomismo?*

21. Tomás revela-nos um *perfil* intelectual e moral inigualável. Podemos dizer que Tomás coerentemente viveu o que pensou e pensou o que viveu: está inteiro em sua doutrina¹⁶. Entrelaçam-se nele a *santidade* e a *sabedoria*, de tal maneira que se removêssemos uma prejudicar-se-ia a outra. Neste aspecto, na *biografia* de Tomás não há lugar para separar a sua *hagiografia* de sua *biografia*, e nem esta da sua *sabedoria e santidade*, pois nele são tão convergentes entre si que o Cardeal Bessarion não vacilou ao se referir a elas dizendo que ele é ‘o mais sábio entre os santos e o mais santo entre os sábios’¹⁷. Não obstante todos os relatos prodigiosos contidos em seu processo de canonização, seu maior milagre continua sendo a sua obra.

22. Talvez, haja uma explicação para isso: ensina-nos M.-D. Philippe que os santos revelam o seu segredo quando falam de outros santos. Tomás revela-nos o seu ao falar do *amor* de Cristo por João¹⁸. Quis a providência dar-nos a conhecer, pela própria boca de João, que Deus nos amou primeiro [1 Jo 4, 10]¹⁹. Muito provavelmente, este reconhecimento de que só podemos *saber do amor* porque *o amor nos amou primeiro*, moveu inteiramente todo o projeto filosófico e teológico tomasiano, que partia do ‘amor à sabedoria’ e se transformava numa ‘sabedoria do Amor’²⁰. A contemplação é justamente este ato mais nobre de amor, porque dá aos outros a verdade contemplada²¹. Toda esta riqueza encontra-se no que costumamos denominar *Tomismo*.

23. Por *Tomismo* entende-se, de um modo geral, a doutrina filosófica e teológica desenvolvida por Tomás de Aquino ou por seus discípulos. Em síntese, costumou-se denominar de *Tomismo* a própria doutrina tomasiana, sua síntese *filosófico-teológica*²². Contudo, posteriormente, este nome também passou a significar a maneira de fazer filosofia como Tomás, como os seus discípulos propuseram ou a doutrina dos discípulos que seguiam comentando e interpretando o pensamento de Tomás. Assim, para evitar qualquer ambiguidade no uso do nome *Tomismo*, propõe-se usar *Tomasiano (a)* para especificamente identificar e nomear a doutrina mesma de Tomás de Aquino, diferenciando-a da doutrina dos seus discípulos.

¹⁶ SERTILLANGES, R.P. *Les grandes thèses de la philosophie thomiste*. Paris: Librairie Bloud & Gay, 1928, p. 1.

¹⁷ BERTHIER, J. *Sanctus Thomas Aquinas “Doctor Communis” Ecclesiae*. Roma, 1914, p. 679.

¹⁸ PHILIPPE, M.-D. *Santo Tomás doutor Testemunha de Jesus*. 2. ed. Salvador: Congregação São João, 1996, p. 4.

¹⁹ BENTO XVI, *Deus caritas est*, n. 1.

²⁰ TOMÁS DE AQUINO, S. *In Ioan c. XIV, lec. 4, III, n. 1916 [Editio Marietti]*.

²¹ TOMÁS DE AQUINO, S. *STh. II-II, q. 188, a. 6, c.*

²² CESSARIO, R. *A short history of Thomism*. Washington, D.C.: *The Catholic University of America Press*, 2005, p. 1-2.

24. A doutrina Tomasiãna é legitimamente filosófica e teológica. Não há dúvida que Tomás desenvolveu uma legítima teologia. Entretanto, alguns duvidam de haver produzido uma *autêntica* filosofia. Mas podemos afirmar que a sua doutrina racional que busca e professa a verdade é uma autêntica filosofia²³. Sua originalidade foi conciliar a verdade da razão com a da fé, que ampliou os horizontes da sua investigação. É um sofisma, portanto, sustentar que o Cristianismo petrificou a ciência ou que não deu nenhuma contribuição sequer ao progresso da filosofia, nem mesmo com Tomás de Aquino²⁴. Além do mais, a sua filosofia não se prende ao espaço ou ao tempo passado, pois ela é *atual* e não se limitou às questões próprias do medievo, mas àquelas inerentes aos anseios do homem de qualquer período histórico.

25. Portanto, sua filosofia, em sentido estrito, não é ‘medieval’, ainda que produzida nas circunstâncias daquela época. Assim sendo, é adequado denominá-la *perene*, pois não se *enclausura* nas conjunturas de um único tempo, mas se abre aos temas mais intrínsecos do homem de qualquer tempo. Por isso, ela apresenta uma dinâmica própria que a coloca num constante *diálogo* com as verdades de quaisquer épocas. O segredo da sua filosofia foi não se reduzir aos sistemas passados, mas permanecer aberta ao futuro. Sua abertura não significa carência de *identidade*, pois ela se funda em princípios sólidos que determinam seu rumo, numa *constante busca da verdade*. Tampouco é *eclética*, pois se trata de uma *abertura* crítica que resulta da assimilação do melhor de outras doutrinas para o seu sistema²⁵.

26. A essência do Tomismo consiste na *revolução filosófica que ela causa*. Tomás propõe conciliar razão e fé e, em seguida, colocar a primeira a serviço da fé. Por ser tal questão desconhecida entre os gregos, o Aquinate buscou na Patrística os elementos para a sua tentativa de harmonia, sem deixar de se valer da contribuição dialética aristotélica ou da doutrina da participação e da iluminação platônica, via neoplatônicos. Ele se opôs à teoria de alguns autores patrísticos que conduzia à afirmação de uma *antinomia*, ou seja, de uma contradição entre fé e razão, tal como defendera, por exemplo, Tertuliano [157-220], que sustentava que a aceitação da fé cristã implicaria na renúncia ao exame racional dessa fé²⁶. Mas, também, criticou a doutrina Escolástica da *dupla verdade*, a qual considerava que os juízos da fé e da razão não se referiam a uma mesma verdade, atribuída aos seguidores de Averróis [1126-1198], em especial a Siger de Brabante [1240-1284], que desvinculava a filosofia da teologia, afirmando que, conquanto a Revelação contenha toda a verdade, não é necessário que se harmonize com a filosofia²⁷.

²³ MARITAIN, J. *De la philosophie chrétienne*. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 1945, pp. 42-43.

²⁴ BRÉHIER, E. “Y a-t-il une philosophie chrétienne?”, *In Revue de Métaphysique et de Morale*, (1931), p. 162.

²⁵ CORREIA DE BARROS, M. *Filosofia Tomista*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1966, p. 72.

²⁶ TERTULIANO, *De Praescriptione haereticorum*, c. 7 [PL 2, 13-92].

²⁷ MANDONNET, P. *Siger de Brabant*. Louvain, 1911, t. VI, pp. 148 ss.

§2. PROPOSTA: *conciliar fé e razão.*

27. Os princípios criados por Deus na razão humana não carecem de demonstração, pois lhe são evidentes, ainda que isso não impeça o homem de buscar nas razões naturais das coisas princípios analógicos aos que recebeu de Deus, como luz para o intelecto, para comprovar a Sua existência. Por um lado, a fé é necessária para a perfeição da natureza humana, sua felicidade, que é a própria visão de Deus²⁸. Por outro, a fé é um ato que pertence ao intelecto²⁹. Nesta perspectiva, em Tomás, fé e razão são harmonizadas, pois a razão é apta naturalmente a entender os princípios que se seguem das demonstrações ou que para elas são supostos e os princípios que se seguem da Revelação, que se chega a conhecer mediante a infusão de princípios superiores. A ciência deste ato revelado é a Teologia³⁰. E a verdade da Palavra de Deus não se opõe à verdade inquirida pela razão, já que nada vem de Deus para ser ato do intelecto humano que se lhe oponha intrínseca ou contraditoriamente.

28. É bem certo que as verdades reveladas superam em muito à capacidade da razão humana entendê-las, como a da afirmação da Trindade na unidade divina³¹, mas isso não comprova a incerteza da verdade de fé, senão a imperfeição de nosso intelecto para entendê-las imediatamente, tais como elas são em si mesmas. A partir desta intrínseca relação, Tomás harmoniza fé e razão, fazendo-as dependerem-se mutuamente entre si. Adverte-nos R. Garrigou-Lagrange que esta síntese não é uma naturalização da verdade revelada nem uma racionalização da fé³², pois é respeitada a relativa autonomia de cada ciência, embora Tomás ressalte a *subordinação* da filosofia à teologia, pois o conhecimento inferior se subordina ao superior³³. A filosofia colocada a serviço da fé é beneficiada pela iluminação que amplia seus horizontes, auxiliando-a na superação dos seus erros adquiridos e absorvidos ao longo do tempo. Esta é a verdadeira razão *pura*, como que *canonizada*³⁴, segundo a reta ordem que segue e naquilo em que ela serve para demonstrar novas verdades, a partir dos princípios da verdade da fé. A filosofia, neste esforço de conciliar fé³⁵ e razão, não poderia ser senão *serva da teologia*.

29. Ensina-nos o próprio Tomás que ao estudar uma coisa por causa de outra, ama-se mais a esta do que aquilo que se estuda³⁶. Sem dúvida, Tomás ama a filosofia, porém muito mais aquilo a que serve o seu estudo, a saber, a *teologia*. Enfim, se Deus é a única fonte da verdade, não é possível que os princípios que a razão naturalmente conhece sejam

²⁸ TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* II-II, q. 2, a. 3 *De veritate*, q. 14, a. 10.

²⁹ MONDIN, B. *Dizionario Enciclopedico del Pensiero di San Tommaso d'Aquino*. Bolonha: ESD, 2000, p. 289.

³⁰ TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I, q. 1, a. 2, c.

³¹ TOMÁS DE AQUINO, S. *ScG.* I, c.3.

³² GARRIGOU-LAGRANGE, R. *La Synthèse Thomiste*. Paris: Desclée de Brouwer, 1950, pp. 7-8.

³³ TOMÁS DE AQUINO, S. *De Trinitate*, q. 5, a. 3, *ad 5-6*; *In II Phys.* Lec. 3, n. 8; *In I Met.* Lec. 13, n. 202.

³⁴ Não é canônica, mas é recomendada pelo Código de *Direito Canônico* [can. 252 §3], como já referido.

³⁵ TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I, q. 1, a. 8, c.

³⁶ TOMÁS DE AQUINO, S. *In I Met.* Lec. 3, n. 56.

contraditórios aos da verdade de fé³⁷, uma vez que a graça que Deus dá ao homem é justa, pois não suprime da natureza o que há de mais nobre nela, a razão, senão que a supõe e a aperfeiçoa. Sendo assim, não há lugar para *dupla verdade* em sua filosofia. Por isso, é importantíssimo voltar às opiniões dos antigos, sejam as de quem for, tanto para guardarmos para o nosso uso o que disseram de bom, como para nos defendermos do que disseram de mal³⁸. Apesar da autonomia da filosofia, Tomás não se apoiou, sem mais, na autoridade da ciência e na dos filósofos, embora não descuidasse de considerá-la, sabendo que era, dentre todas, a mais fraca³⁹. A sua autoridade é a teológica, baseada na autoridade divina, e para que um erro insignificante no princípio não se tornasse considerável no fim⁴⁰, Tomás procurava dissipá-lo e reordenar retamente o conteúdo da razão para que servisse adequadamente à teologia, naquilo que lhe competia.

§3. NATUREZA: *uma filosofia cristã*.

30. Tomás foi de Cristo, por isso foi cristão. Sendo cristão, não havia como não buscar intensamente a verdade em sua fonte. Tendo sido cristão, antes de tornar-se filósofo⁴¹, não abandonou a filosofia por ser cristão⁴², antes o contrário, pois com coragem dirigiu todos os esforços da filosofia para a compreensão do que fosse possível do dado de fé. Neste aspecto, a doutrina filosófica do Aquinate é verdadeiramente filosofia e cristã, mas não deve ser identificada como tal só por se tratar de teoria desenvolvida por teólogo cristão, pois há cristãos cujas teses desenvolvidas não são nem cristãs e muito menos sabedoria do amor. Por isso sua filosofia não é dita cristã por se originar de alguma inspiração, como a do livro do *Êxodo* 3, 14, na suposição de que a Revelação Divina como ‘Aquele que é’ fundasse toda a filosofia cristã e inaugurasse, de uma só vez, a ‘metafísica do ser’⁴³.

31. É inconsistente a suposição de que a filosofia tomasiana fosse inferior ou ilegítima porque tivesse o seu início na aceitação de uma verdade da fé⁴⁴, uma vez que é filosofia por se tratar de especulação racional que se iniciou desde uma motivação natural da realidade e não necessariamente de uma aceitação de uma verdade infusa ou de uma iluminação de alguma verdade sobrenatural. Contudo, nada impediria que isso fosse possível na vida deste homem que desde a infância desenvolveu profundo trato com as Escrituras e com a lógica aristotélica. Por isso, não repugnaria à razão que houvesse desenvolvido a filosofia a partir de uma motivação sobrenatural. Não haveria problema algum se ela tivesse começado desta maneira, pois não deixaria de ser autêntica filosofia,

³⁷ TOMÁS DE AQUINO, S. *ScG*, I, c. 7, n. 2.

³⁸ TOMÁS DE AQUINO, S. *In I De anima*, Lec. 2, n. 15.

³⁹ TOMÁS DE AQUINO, S. *STh*. I, q. 1, a. 8, c. 2.

⁴⁰ TOMÁS DE AQUINO, S. *De ente et essentia*, proêmio, n. 1.

⁴¹ COPLESTON, F. *Thomas Aquinas*. Londres: Harper & Row Publishers, 1976, p. 111.

⁴² SCHÖNBERGER, R. *Thomas von Aquin zur Einführung*. Hamburgo: Junius Verlag, 2006, pp. 10-14.

⁴³ GILSON, E. *L'Esprit de la Philosophie Médiévale*. Deuxième édition revue. Paris: Vrin, 1989, pp. 46, nota 1 e p. 50.

⁴⁴ RUSSELL, B. *The History of Western Philosophy*. Londres: George Allen & Unwin, 1946, pp. 484-485.

uma vez que a aceitação da verdade revelada não eximiria a razão de exercer a sua própria tarefa e nem a impediria de investigar, tanto as verdades naturais, como também as sobrenaturais, senão que a impeliria ainda mais a procurar explicar como é possível a adequação de ambas.

§4. FINALIDADE: *a filosofia é serva da teologia.*

32. Da conciliação entre fé e razão, segue-se a subordinação da filosofia à teologia. Subordinação sem contraposição e contradição. Tomás tornou-se um grande filósofo porque foi um grande *teólogo*⁴⁵, embora tenha se tornado mais conhecido no último século por sua filosofia⁴⁶, muito estudada⁴⁷, dada a *vivacidade* do seu pensamento. Ele foi verdadeiramente filósofo e teólogo, um verdadeiro *scholar*⁴⁸, no mais pleno sentido da palavra⁴⁹, que exprime bem o espírito de sua filosofia cristã⁵⁰. Seu labor sistemático⁵¹ expressa uma filosofia com um método próprio, que revoluciona a investigação da verdade, cuja essência não é saber o que os homens pensaram, mas qual é a verdade das coisas⁵². Tomás disse o melhor que pôde acerca do que são as coisas na realidade e se alguém já o tinha dito antes dele, isso não era motivo para não o repetir e, se ninguém o tinha dito ainda, isso não era motivo para ele não o dizer, por isso não fazia obra pessoal, mas objetiva e alicerçada no real⁵³. Por isso, o estudo da filosofia é em si mesmo lícito e louvável, por causa da verdade que se busca e acaba por descobri-la em Deus⁵⁴, pois mesmo pela razão se podem alcançar algumas das verdades referentes às realidades divinas passíveis de serem investigadas pelo homem⁵⁵.

33. Tomás foi filósofo porque buscou a verdade natural mediante os princípios da razão. Sua filosofia se configura cristã, não porque utilize a razão para provar a fé (isto é teologia), mas por iluminar alguns outros pontos que esta doutrina ensina. De fato, a graça não suprime a natureza, mas a supondo, a aperfeiçoa. Sendo assim, convém que a razão natural sirva à fé⁵⁶. Para tanto, não importa quem manifesta a verdade⁵⁷, se cristão ou pagão, pois toda verdade, dita por quem quer que seja, provém do Espírito Santo⁵⁸. Por isso, Tomás

⁴⁵ CHENU, M.-D. *St. Thomas d'Aquin et la théologie*. Paris: Seuil, 2005, p. 32.

⁴⁶ FAITANIN, P. "A análise estatística dos dados da produção bibliográfica tomista...", *Aquinate*, n. 5, (2007), 71-90.

⁴⁷ FAITANIN, P. "Versões da teoria do conhecimento de Tomás de Aquino: Os conflitos hermenêuticos no século XX", *Aquinate*, nº 6, (2008), 99-111.

⁴⁸ GRABMANN, M. *Thomas Aquinas: His Personality and Thought*. Nova Iorque: Longmans, 1928, p. 28.

⁴⁹ DAVIES, B. *The Thought of Thomas Aquinas*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1993, pp. 10-14.

⁵⁰ GILSON, E. *L'Esprit de la Philosophie Médiévale*. Paris: Vrin, 1989, p. 5.

⁵¹ MARTIN, C. *The Philosophy of Thomas Aquinas. Introductory readings*. Nova Iorque: Routledge, 1988, pp 5-7.

⁵² TOMÁS DE AQUINO, S. *In I De caelo*, Lec. 22.

⁵³ CORREIA DE BARROS, M. *Filosofia Tomista*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1966, p. 46.

⁵⁴ TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* II-II, q. 167, a. 1, ad 3.

⁵⁵ TOMÁS DE AQUINO, S. *ScG.* I, c.4.

⁵⁶ TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I, q. 1, a. 8, c.

⁵⁷ TOMÁS DE AQUINO, S. *De modo studendi*.

⁵⁸ TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I-II, q. 109, a. 1, ad 1.

nunca rejeitou *a priori* nenhuma doutrina em sua totalidade, pois sabia que a contribuição dum só homem, pelo seu trabalho e pelo seu gênio, para o progresso da verdade é pouco se comparado com os esforços de muitos filósofos e com o conjunto da ciência, pois de todos esses elementos coordenados, escolhidos e reunidos, alguma coisa de grande se pode fazer⁵⁹.

34. Sua proposta de conciliar fé e razão tem sido apoiada pelo Magistério da Igreja desde a sua canonização. Equivocam-se os que afirmam que este apoio tornou Tomás vítima de um ‘preconceito a favor’, na medida em que uniformizou sua doutrina como uma carapaça⁶⁰, como se fosse um produto do Catolicismo ou uma religião⁶¹. Desmente isso o fato de que o Tomismo sempre incita à abertura para a verdade em diálogo com o antigo e o novo. Apesar de sempre de novo ser invocado, o Tomismo nunca teve entrada fácil nas instituições de ensino devido à ignorância, medo e malícia de alguns. Contudo, o Tomismo resiste em algumas instituições leigas ou religiosas, embora ainda seja quase nula sua presença em algumas outras, mesmo religiosas ou que ostentam o título de pontifícias. O que principalmente explica isso é a forte oposição do demônio à sua doutrina. Mas se removidos minimamente quaisquer preconceitos à cultura medieval como um todo⁶², não se tardaria em descobrir este gigante e a beleza da sua doutrina, seja por quem for: leigo ou religioso, cristão ou pagão, católico ou protestante, islâmico ou judeu, pois se lhe descobre também como um patrimônio da humanidade.

⁵⁹ TOMÁS DE AQUINO, S. *In II Met. Lec. 1.*, n. 276.

⁶⁰ NASCIMENTO, C.A.R. *Santo Tomás de Aquino. O Boi Mudo da Sicília*. São Paulo: Educ, 2003, p. 96.

⁶¹ SILVEIRA DA COSTA, J. *Tomás de Aquino: a razão a serviço da fé*. São Paulo: Moderna, 2003, p. 77.

⁶² MONDIN, B. *Il Sistema Filosofico di Tommaso d'Aquino*. Milão: Massimo, 1992, p. 9.

CAPÍTULO 3 OS TOMISTAS.

OS TOMISTAS.

§1. O INÍCIO: *A Escola Tomista.*

35. Foram muitos os que seguiram o Tomismo ao longo dos séculos. A coerência de seu sistema filosófico causou muitas *influências* e promoveu a formação da assim denominada *Escola tomista* constituída por filósofos que, em suas respectivas épocas, beberam do Tomismo, fazendo dele um pensamento vivo, capaz de fazer emergir *o novo do antigo* e de responder às mais novas questões a partir das mais antigas doutrinas. Convencionou-se denominar *tomista* aquele que toma Tomás por mestre e segue o Tomismo⁶³. A palavra *Tomista* serve para designar pessoas ou doutrinas que se inspiraram ou se inspiram no Tomismo. Por *Tomismo, como vimos*, entende-se todo o sistema filosófico-teológico de Santo Tomás de Aquino. O número de tomistas leigos supera, em nossos dias, o de religiosos⁶⁴. A partir da riqueza do Tomismo, os *tomistas* podem, por causa deste exemplo original de assimilação, torná-lo ainda mais rico, vivo e próximo dos principais temas da atualidade, podendo inclusive promover *conversões* de algumas doutrinas atuais aos princípios metafísicos do Tomismo. Não obstante, por isso mesmo, ele pode também apresentar variadas *versões*, inclusive algumas *subversões* e *inversões*, quando se apresentam contrárias à própria doutrina tomasiana.

36. *Tomistas* são os que seguem o pensamento de Tomás. São considerados tomistas os que *comentaram, defenderam, divulgaram, apresentaram, expuseram e traduziram* as suas obras. Os critérios para ser tomista são *conhecimento* e *fidelidade* ao pensamento de Tomás de Aquino, o que não anula a originalidade de interpretação de alguma tese, conquanto não a contradiga ou a negue. Portanto, o conhecimento exige o estudo assíduo e a fidelidade exige a honestidade de utilizá-lo no contexto devido, segundo o sentido dado por Tomás. Neste aspecto, o pensamento de Tomás é fonte de inspiração para novas teses. Portanto, não se trata de ser eclético, pois o *eclétismo* se serve de teses e argumentos de diversas filosofias, inclusive contraditórias entre si, para formular um sistema ou visão de mundo abrangedor, por exemplo, conciliando o materialismo com o tomismo. O tomista não é quem dá livre interpretação ao pensamento de Tomás, pois isso pode gerar uma postura relativista, que reduz a interpretação às suas convicções pessoais. Por isso, a interpretação deve respeitar a doutrina e ser fiel ao seu significado e princípios, para inclusive extrair novos significados.

37. Portanto, o conhecimento e a fidelidade ao pensamento que se comenta, defende, traduz, interpreta ou simplesmente expõe são fundamentais. O mesmo vale para os críticos de Tomás de Aquino, pois uma crítica é equivocada quando se pauta sobre uma

⁶³ BONINO, S.-Th. “Être Thomiste”, in: *Thomistes*. Toulouse: *Parole et Silence*, 2003, p. 15.

⁶⁴ KENNEDY, L.A. *A Catalogue of Thomists, 1270-1900*. Houston: *Center for Thomistic Studies*, 1987, p. 14.

interpretação não menos equivocada. Tanto para defendê-lo, quanto para criticá-lo, exige-se um mergulho em seu oceano filosófico-teológico, pois somente assim descobrimos sua profundidade. O Tomismo formou escola. A *Escola Tomista* foi composta, ao longo da História do Pensamento de Tomás de Aquino, por todos aqueles que o seguiram, comentando, defendendo, divulgando, apresentando, expondo, traduzindo e interpretando o seu pensamento. Basicamente dividiu-se em quatro etapas compreendidas entre os séculos XIII e XXI.

§2. O DESENVOLVIMENTO: *As quatro etapas.*

38. A primeira etapa pode ser denominada *clássica* e abrange o *período* entre os séculos XIII-XV, cuja *atitude* é a de defesa do tomismo frente às suas primeiras oposições filosóficas, por exemplo, à doutrina da unidade do intelecto, e teológicas, quanto à doutrina que sustenta cada Anjo esgotar a sua espécie⁶⁵. Sem dúvida, o mais importante representante desta primeira etapa foi João Capreolo (1380-1444), chamado *Princeps thomistarum* autor da exuberante obra *Defensiones Theologiae Divi Thomae Aquinatis*, que defende as principais teses teológicas de Tomás de Aquino: sobre os anjos, sobre a pessoa, sobre a encarnação *etc.* Em defesa da filosofia tomasiana também se destacaram Pedro Niger (1471), com a sua obra *Clypaeus Thomistarum* e Paulo Soncinas (1494), com a sua obra *Quaestiones metaphysicales*. Em linguística destacou-se Pedro de Bérghamo (1482), autor do primeiro léxico tomista, *Index* ou *Tabula Aurea*, que contém as principais referências às doutrinas de Tomás de Aquino. Em tradução, Guilherme de Moerbeke (1286), que traduziu do grego para o latim as principais obras de Aristóteles. Muitos outros se destacaram, desde santos a poetas. Entre os santos, São Vicente Ferrer (1350-1419), entre os grandes pintores, o famoso Fra Angelico (1455), e entre os poetas, o insuperável Dante (1321) com a sua *A Divina Comédia*. Vê-se a riqueza da influência tomasiana em diversos setores da cultura já nesta primeira etapa.

39. A segunda etapa pode ser denominada de *pós-clássica* e abrange o *período* entre meados do século XV e fins do século XVI, cuja *atitude* principal é a de comentar a obra de Tomás de Aquino. Destacam-se, por exemplo, Francisco de Vitória (1492-1546), com as profundas análises das leis e princípios morais aplicados a todos os povos do novo mundo recém-descoberto. Os princípios da lógica tomasiana foram profundamente ordenados e expostos pelo exímio Domingo de Soto (1495-1560). Eleva-se sobre os demais Francisco Ferrariense (1474-1528), com o exuberante comentário da *Summa contra Gentiles*.

⁶⁵ Destacam-se, ainda: Tomás de Cantimpré (1270), Hugo de São Vitor (1263); São Raimundo de Peñafort (1275); Pedro de Tarantasia (Papa Inocência V- 1276); Reginaldo de Piperno (1279); Raimundo Marti (1286); Bernardo de Trilia (1292); Egidio Romano (1243-1316), com a obra *Theoremata de esse et essentia*, onde resgata e defende a tese do ser e da essência de Tomás; Godofredo de Fontaines (1250-1309), com sua obra *Quodlibet*; Tiago de Viterbo (1255-1308), com a obra *Disputatio Prima de Quodlibet*; João Quidort (1306); Herveu Natal (1250-1323), com o *Quodlibeta*; Pedro de Alvéria (1303), com o *Quodlibet* e Tomás de Sutton (1300) com o *Quodlibet*; os quatro biógrafos, Pedro Calo (1310); Guilherme de Tocco (1324); Bartolomeu de Lucca (1327); Bernardo Guido (1331).

Contudo, o mais conhecido comentador desta etapa foi, sem dúvida, Tomás de Vio Caetano (1469-1534), com o comentário da *Summa Theologiae*, que muito colaborou em sua atuação na Contra-Reforma. Em questões teológicas destacam-se Crisóstomo Javelli (1472-1538), com o comentário da *Summa Theologiae*, o renomado Domingo Báñez (1528-1604), com a excelente *Expositio super tractatum de Trinitate* e as digníssimas contribuições de João Paulo Nazário (1556-1641), com o *Commentaria et controversia in primam partem Summae*. Sobrepassa a todos os anteriores em importância teológica e santidade São Pio V, que com a bula *Mirabilis Deus*, proclamou Santo Tomás Doutor da Igreja no dia 11 de abril de 1567.

40. A Terceira etapa pode ser denominada de *mediana* e abrange o período entre meados do século XVI a fins do século XVIII, cuja *atitude* é a de disputa. Período marcado pela crescente apresentação e difusão do racionalismo moderno, em forte oposição ao pensamento de Tomás de Aquino, o que gerou acalorados debates nos meios acadêmicos. Talvez por isso mesmo, neste período surgiram grandes nomes⁶⁶. Em teologia destaca-se Bernardo Maria de Rubeis (1775) e, em filosofia, sem dúvida, João de Santo Tomás (1589-1644), com o *Cursus Philosophicus Thomisticus*, o qual, numa esplêndida síntese do Tomismo, resgata e expõe as principais teses tomistas nas universidades ibéricas, na França e na Itália. Segue o mesmo caminho o afamado Carlos Maria Renato Billuart (1685-1757), com a obra *Summa s. Thomae hodiernis academiarum moribus accommodata* e os tomistas de Salamanca, com o seu *Cursus Salmaticensis*, e os de Coimbra com os seus manuais.

41. A Quarta etapa pode ser denominada de *retorno essencial às fontes e do restabelecimento filosófico e, sobretudo, teológico*, frente à forte incursão do modernismo e o fortalecimento do relativismo. Tal etapa abrange o período entre os séculos XIX-XXI, cuja *atitude* é a de retorno ao Tomismo. Coincide com o período em que papas e leigos ratificaram a autoridade de Santo Tomás de Aquino, como vimos acima no parágrafo de mesmo título. Para fins didáticos recordemos, pois, os principais expoentes desta época: O Papa Leão XIII com a Encíclica *Aeterni Patris*, de 4 de agosto de 1879. São Pio X com o *Motu proprio Doctoris Angelici*, de 29 de junho de 1914. Pio XI com a Encíclica *Studiorum ducem*, de 29 de junho de 1923, por ocasião do VI centenário da sua canonização. Paulo VI com a Carta Apostólica *Lumen Ecclesiae*, de 20 de novembro de 1974, por ocasião do VII centenário da morte de Santo Tomás. João Paulo II com a Encíclica *Fides et Ratio*, de 14 de setembro de 1998 e com o título de ‘Doutor da Humanidade’⁶⁷. Bento XVI com as três

⁶⁶ Destacam-se, por exemplo, Pedro de Ledesma (1616); Francisco Suárez (1617); São Roberto Bellarmino (1621); São Francisco de Sales (1622); Jerônimo de Medices (1622); Sylvius (Du Bois) (1649); Bossuet, Bisbo de Meaux; Norisins, O.S.A. (1704); Lacroix (1714); Tourney (1729); Bento XIII (1730); Billuart (1757); Bento XIV (1758); Cuiliati (1759); Orsi (1761); Santo Afonso Maria de Ligório (1787) e muitos outros.

⁶⁷ JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Inter Munera Academicarum*, n. 4.

*Catequese*s, dias 2, 16 e 23 de junho de 2010⁶⁸. O Concílio Vaticano II em alguns documentos⁶⁹ e o Direito Canônico que reconhece a sua importância para a formação intelectual dos homens que buscam a verdade divina⁷⁰.

§3. UM EQUÍVOCO: *neotomista*.

42. Trata-se de um equívoco denominar o tomista moderno de *neotomista*. O termo gera o equívoco porque provem de uma errônea interpretação histórica da proposta de retorno ao Tomismo determinada por Leão XIII na Encíclica *Aeterni Patris*, que consistia em *retornar e não renovar* o Tomismo ou fazer surgir um novo tomismo, conciliando os princípios da doutrina de Tomás com quaisquer princípios dos pensamentos modernos, cujos seguidores se declarassem neotomistas. Alguns, por causa desta equivocada interpretação, saíram da unidade do Tomismo para a multiplicidade de interpretações e adaptações do mesmo, desvirtuando-o. E, por isso, não acertaram ao afirmar que talvez a diversidade de ‘Tomismos’ e equívocos emergentes encontrasse sua primeira fonte antes na própria ambiguidade dos textos tomasianos⁷¹. Ora, o discípulo não é maior do que o seu mestre, portanto é indevida esta alegação. É óbvio que Tomás não sabia toda verdade, nem ensinou toda a que sabia, não foi igualmente entendido em tudo o que ensinou⁷² e nem mesmo teve muito em conta tudo o que sabia, porque a sabedoria que possuía a considerou como *palha*⁷³.

⁶⁸ Entre os filósofos e teólogos: Cardeal Mercier (1851-1926); Pedro Mandonnet (1858-1936); Enrique Denifle (1844-1905); Marie-Dominique Chenu (1895-1990); Santiago Ramírez (1891-1967); Eduardo Hugon (1867-1929); Joseph Gretd (1863-1940); R. Garrigou-Lagrange (1877-1964); Jacques Maritain (1882-1973); Étienne Gilson (1884-1978); Pe. Penido (1895-1970); Cornélio Fabro (1911-1995); Gardeil (1859-1931); Gallus Manser (1866-1950); Martin Grabmann (1875-1949); Sertillanges (1863-1948); Paul Geiger (1880-1945); Octavio Derisi (1907-2002); Joseph Pieper (1904-1997); Ludwig Schütz (1838-1901); Edith Stein (1891-1942); Joseph Maria Bochenski (1902-1995); Roy Deferrari (1890-1969); Roberto Busa (1913-...); Odilão Moura OSB (1918-2010); Estevão Bettencourt OSB (1919-2008); Papa João Paulo II (1920-2005); Battista Mondin (1926-...); Leo J. Elders, svd (1926-...); Jean-Pierre Torrell (1927-...) e muitos outros. O estudo de Santo Tomás cresce nos ambientes acadêmicos e desperta interesse de diversas áreas do saber em nossos dias.

⁶⁹ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, Decreto *Optatam totius*, n. 16 e a Declaração *Gravissimum educationis*, n. 10.

⁷⁰ Código de *Direito Canônico* [can. 252 §3].

⁷¹ PROUVOST, G. *Thomas d'Aquin et les thomismes*. Paris: Cerf, 1996, p. 17.

⁷² Alguns temas tirados dos seus respectivos contextos não bem entendidos: *a pena de morte* (Tomás não a defendeu em qualquer contexto, mas com requisitos, observando a justiça divina e não somente a humana); *a individuação da alma humana* (a matéria individua a alma no sentido de que ela retém em si mesma a individualidade que lhe causa a matéria de seu corpo, porque de dois se faz um); *a noção de matéria primeira* (a matéria não é pura potência por não possuir nenhum ato em sua origem, mas no sentido de que era apta a ser sujeito de toda geração substancial); *a teoria da animação tardia* (metafisicamente falando a alma não é criada senão simultaneamente à disposição do corpo, embora não conviesse explicar em seu tempo esta doutrina fora da autoridade da biologia aristotélica que transpunha o aparecimento da alma semanas depois da fecundação) e *a doutrina da concepção de Maria* (Tomás não negou simploriamente a concepção imaculada de Maria, embora não tenha se dedicado a expô-la fundamentando-a na biologia do seu tempo).

⁷³ Tocco, G. *L'histoire de saint Thomas d'Aquin. Traduction par Claire Le Brun-Gouanvic*. Paris: Cerf, 2005, p. 103.

43. Contudo, Tomás ainda é o seu melhor intérprete⁷⁴, e isso não impede que os tomistas atualizem as suas teses⁷⁵, sobretudo naqueles dados que se encontram superados por estarem sujeitos às afirmações científicas do seu tempo. Contudo, convém que façam isso com o intuito de restaurar a aplicação dos próprios princípios metafísicos tomasianos às questões científicas do nosso tempo sem, no entanto, contradizê-los. Devem cuidar para não corromper o próprio Tomismo, nem lhe atribuir erros que possam emergir do uso equivocado na aplicação dos princípios tomasianos aos temas atuais. E se acaso ocorresse isso, provavelmente, o erro não seria dos princípios do Tomismo e, em alguns casos, nem mesmo das doutrinas contemporâneas, mas possivelmente do mau uso e aplicação de uns aos outros.

44. A tentativa de conciliá-lo com quaisquer princípios modernos geraram *conflitos hermenêuticos*, causando assim diversas *versões* do Tomismo e de escolas neotomistas. A *unidade* do sistema tomasiano não é contrária à *pluralidade* de diálogos com outras doutrinas, desde que não haja contradição na assimilação dos princípios do Tomismo por doutrinas modernas⁷⁶. Para que estas versões não se oponham entre si e nem à doutrina *tomasiana*, que é o pensamento original do autor⁷⁷, como já vimos acima, sua ‘atualização’ deve sempre supor a manutenção do que lhe é essencial⁷⁸, a saber, o próprio ‘Tomismo’ de Tomás, que não é algo *fossilizado*, pois a sua essência se estrutura sob sólidos princípios que possibilitam a razão ir além dos seus limitados horizontes, ao buscar a máxima conciliação entre os seus princípios e os da fé⁷⁹, cuja adequação auxilia a responder, com originalidade, os novos desafios que afloram⁸⁰. Só assim é possível o ‘Tomismo’ dos tomistas⁸¹.

§4. CONCLUSÃO: *o silêncio dos não tão inocentes.*

45. Apesar do crescente estudo do pensamento de Tomás, há ainda certo silêncio em torno de Tomás, do Tomismo e dos Tomistas. Não se trata de um silêncio por falta de conhecimento da importância da Idade Média ou do Tomismo, mas de um silêncio por medo. O medo ratificou-se cada vez mais na ignorância deste autor e daquele foi gerado o preconceito. Não raro, mesmo aqueles que têm alguma simpatia pelo pensamento de Tomás costumam dizer: *Agostinho é mais coração e Tomás é muito razão*. Ora, se seguirmos a exortação do Evangelho devemos amar a Deus com todo o coração e com toda a mente.

⁷⁴ ALARCÓN, E. “Una cuestión de método: consideraciones previas a la interpretación de Sto. Tomás de Aquino”, *Aquinate*, n. 1, (2005), 200-213.

⁷⁵ Sobre as teses do Tomismo, ver: HUGON, E. *Os princípios da Filosofia de São Tomás de Aquino*. As vinte e quatro teses fundamentais. Trad. O. Moura, OSB. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.

⁷⁶ Cfr. MCCOOL, G.A. *From Unity to Pluralism. The Internal Evolution of Thomism*. Nova Iorque: Furdham University Press, 2002, pp. 11 e 31.

⁷⁷ BERGER, D. *Thomismus*. Colônia: *Editiones Thomisticae*, 2001, pp. 21-24.

⁷⁸ PIEPER, J. *Introducción a Tomás de Aquino*. Edición por Ramón Cercos. Madri: Rialp, 2005, pp. 164-178.

⁷⁹ LEÃO XIII, *Aeterni Patris*, parte III, nn. 21-27.

⁸⁰ JOÃO PAULO II. *Fides et Ratio*, c. IV, n. 43.

⁸¹ SPIAZZI, R. *Il Pensiero di San Tommaso d’Aquino*. Bolonha: Esd, 1997, pp. 63-70.

Logo, Agostinho e Tomás são os mais excelentes autores que podem auxiliar no cumprimento desta exortação, pois mais do que divergirem, aproximam-se profundamente nas questões centrais das verdades filosófica e teológica, a ponto de que de um se vai ao outro e vice e versa.

46. Deste modo, quem estuda Tomás sente o desejo de aportar em Agostinho e quem estuda este, logo quer avançar para as conclusões daquele. Duas *colunas* de sabedoria que sintetizam harmonicamente em suas obras fé e razão, valendo-se de autores da lavra de Platão e Aristóteles, ícones da sabedoria universal. E porque ambos beberam destas águas, mas procuraram a fontes delas, logo, pela graça da iluminação, perceberam que era Cristo que esteve, está e sempre estará por detrás de qualquer verdade proferida, seja por quem for ou em qualquer época, pois o Espírito da verdade eterna atua de diferentes modos e em diferentes pessoas de diferentes períodos para confundir os orgulhosos em espírito e exultar os humildes de coração e mente, pois os orgulhosos, em seus solipsismos, procuram o impossível: ignorar o Sol que os ilumina, quando não raro procuraram se esconder desta luz que nunca se apaga.

47. Agostinho e Tomás tiveram, pela graça de Deus, a humildade em seus corações e mentes para se dedicarem a conciliar fé e razão e, porque encontraram em Cristo esta fonte, tudo submeteram à Sua verdade, muitas vezes sendo levados pelo próprio Cristo a procurar verdades, inclusive na boca dos detratores da mesma e dos que impugnavam a Deus. Eis em Tomás um exemplo de diálogo e humildade na busca da verdade, protótipo que todos nas instituições do saber, como as universidades, deveriam tomar como modelo. Causa profundo estranhamento quando se ouve por parte de cristãos e, especialmente, de religiosos e sacerdotes, a declaração de que não são tomistas e quando, de fato, tratam-no com um silêncio profundo, mas não tão inocente.

48. Não raro alegam que a doutrina de Tomás não é a oficial da Igreja e que, portanto, não seria obrigatório segui-la. Não sabem que esta é a grande maravilha do seu pensamento: em não sendo a oficial da Igreja, pois esta não tem nenhuma filosofia oficial, seu pensamento é exortado como o único capaz de colocar em diálogo o céu e a terra, o mundo espiritual e o material, o homem, Deus e o mundo e, por fim, a fé com a razão. Estudar Tomás tira qualquer um da sua ‘zona de conforto intelectual’. Por isso, para além do acesso à língua latina, cuja ignorância é injustificável no caso dos religiosos e sacerdotes, se exige para estudar Tomás paciência, perseverança e, sobretudo, amor à sabedoria. Não existe caminho curto para a sabedoria e tampouco vias fáceis e indolores. Estudar Tomás causa ‘metamorfose’ no espírito. Tudo isso custa muito para os que terminam por acreditar que o céu se ganha apenas com uma boa fé, sem o mínimo esforço de colocar à disposição de Deus os seus próprios dons naturais pelos quais nos configuramos à Sua imagem e semelhança: intelecto, vontade e liberdade.

49. O medo e a covardia são, muitas vezes, o que define estas posições omissas. Mas não raro se subterfugiam numa outra desculpa: em nossos tempos devemos ser prudentes e estar abertos ao diálogo e voltarmos para as ideias do nosso tempo, deixando as do passado, face à urgência do novo mundo e do novo tempo. Belas palavras, mas inteiramente vazias de sentido, pois nenhuma delas se aplica à razão de não estudar e divulgar o pensamento de Tomás, o qual em sua época já propunha prudentemente questões que

ainda hoje são atuais, não presas ao passado do seu tempo, por isso perenes e inteiramente abertas ao diálogo, desde que sejam observados dois princípios: o de ser respeitada a verdade das suas doutrinas numa adequada leitura e transposição do seu uso para os nossos dias e a de ser feita conhecida a sua doutrina – e este é ainda o maior desafio –, para que possa ser usada em diálogo com o pensamento atual e ser não só recebida, mas efetivamente reconhecida como uma contribuição original para os nossos dias.

50. Portanto, o atestado silêncio dos que deveriam nas suas cátedras ou nos púlpitos exortar e ensinar a doutrina de Tomás não é tão inocente, porque ou isso é por *medo*, *covardia* e *ignorância* do que deveriam saber e não procuraram saber se não receberam ou então *malícia*. Cada uma destas posições exige uma consciência da responsabilidade diante de si mesmo e do público cristão leigo, religioso ou mesmo ateu, já que não só as autoridades acadêmicas, senão, sobretudo, as eclesiásticas, sempre, desde a canonização de Tomás até os nossos dias, seguidamente, exortaram a todos os fieis cristãos a aprenderem de Tomás e não se afastarem dele em questões centrais da filosofia e teologia conciliadas entre si. Tão forte é o seu pensamento que mesmo cristãos não católicos e, inclusive, não cristãos, cada vez mais, buscam e veem no pensamento de Tomás de Aquino uma fonte de sabedoria que profundamente dimensiona a responsabilidade do homem para consigo mesmo, para com o próximo, para com o mundo e, sobretudo, para com Deus.

CADERNOS DAAQUINATE

É uma publicação do Instituto Aquinate – IAq, que pretende editar textos breves sobre temas relativos à vida e ao pensamento de Santo Tomás de Aquino. Já foram publicados os seguintes temas:

1. *O valor do sofrimento*: uma leitura a partir de Santo Tomás de Aquino, 2ª. edição, novembro de 2008.
2. *A sabedoria do amor*: iniciação à filosofia de Santo Tomás de Aquino, maio de 2008. (esgotado)
3. *O ofício do sábio*: o modo de estudar e ensinar, segundo Santo Tomás de Aquino, setembro de 2008.
4. *O único necessário*: a perfeição da vida espiritual, segundo Santo Tomás de Aquino, dezembro de 2008.
5. *A hierarquia celeste*: a angelologia de Santo Tomás de Aquino, junho de 2009.
6. *A ordem do universo*: a cosmologia filosófica de Santo Tomás de Aquino, agosto de 2009.
7. *A dignidade do homem*: a antropologia filosófica de Santo Tomás de Aquino, março de 2010.
8. *Teologia natural*: o caminho natural da razão para Deus, segundo Santo Tomás de Aquino, agosto 2010.
9. *Redemptionem misit*: Bula de Canonização de Santo Tomás de Aquino, 18 de julho de 1323, outubro de 2010.
10. *Mirabilis Deus*: Bula de Proclamação de Santo Tomás de Aquino como Doutor da Igreja, 11 de abril de 1567, Dezembro de 2010.
11. *Introdução ao Tomismo*: Tomás, o Tomismo & os Tomistas: uma breve apresentação, janeiro de 2011.

Redação, administração e compra de exemplares:



Cadernos da Aquinate
www.aquinate.net
e-mail: cadernos@aquinate.net